

## O VELHO DA ESQUINA

Mais de meio século atrás, quando tinha 12 anos, morei na Rua Rui Barbosa (atual Odilon Negrão), num casarão sólido e imponente, Meu Pai era o chefe político, o que me dava certas imunidades, até de ser pilantra sem sofrer castigos. A vida corria amena e doce.

De manhã, freqüentava o ginásio, atual Palácio da Cultura, na confluência da Avenida Valentim Gentil com a Barão do Rio Branco. Depois do almoço, religiosamente fazia as tarefas escolares, sob a supervisão de Minha Mãe, que não era de brincar; uma onça de brava. Lá pelas três da tarde, o dia já estava livre, ensejando a ida à piscina do Salim Ferreira, onde hoje é a estância dos Marconi, para nadar e namorar. Em certos dias, cavalgava um cavalo que morava nos pastos do Romão Sendão. À noite, "futingue" na Rua Barão do Rio Branco e cinema no Teatro Central (atual loja do Dê Micheletti).

Na época, eu e mais três moleques, da mesma idade, formávamos uma espécie de "gang", que era boa de briga. Todos tínhamos bicicletas, o que conferia mobilidade para ir ao futebol no campo do Oeste e ao bola-ao-cesto na quadra do ginásio.

Era um vidão, mas a gente não percebia tanta felicidade. E quando o tédio aparecia, inventávamos alternativas.

Uma delas, era implicar com um velho de 65 a 70 anos, que morava na esquina próxima, numa casa grande, com um quintal ainda maior. O danado do homem chato tinha de tudo em seus domínios, em seu éden particular: passarinhos (papa-capins, sabiás, coleirinhas, canários, avinhados), horta, pomar (goiaba, manga, bananas, laranja, carambola, pitanga).

De noite, depois das 11 horas, nossa turma organizava a expedição. Um ficava de "olheiro" e os outros três pulavam o muro, fazendo "escadinha" com as mãos. Lá dentro era um encantamento, enquanto o fulano antipático dormia. Ficávamos empaturrados com as frutas mais doces do mundo. Quando já não se agüentava mais, enchíamos as camisas e dávamos no pé, correndo para o jardim público, na Praça do Fundador.

No dia seguinte, o "mişerável" da esquina ficava uma "vara", irritado, com a testa franzida. Todavia, nunca reclamou. Com humildade aceitava a espoliação e não dizia nada.

Certa feita, o mais imaginoso da turma colocou um palito de fósforo na campainha da casa. Corremos um quarteirão e ficamos observando. O dito cujo saiu para a área de pijamão listrado, que até parecia roupa de presidiário. Lá de longe, gargalhamos a valer.

Numa noite de sexta-feira, na hora do capeta, esvaziamos os pneus de seu fordinho de bigodes, estacionado no barracão do quintal. No dia seguinte, deu gosto de ver o homem arcado e suado, enchendo os "capotões" com uma bomba manual.

O tempo foi passando. Fomos estudar em outras cidades. O velho da esquina vendeu a casa e foi residir em São Paulo. Logo morreu, pois gente de idade não aguenta morar em cidade grande.

Fiquei sabendo um monte de coisas sobre nossa vítima. Era um sujeito bom, muito bom, que ajudava todo mundo, tendo uma vida reta e honesta.

Aí o remorso bateu fundo. Acho que ele até sabia quem pilhava seu quintal... e perdoava, sem nunca reclamar ou tomar providências.

Quis justificar a impiedade infantil e a delinqüência. Quem mandava o velho da esquina ter tanta fruta gostosa! Quem manda ele não ser bravo ou rancoroso. Obviamente, um cara tão bom tem de sofrer um pouco. No confronto das idades, os moços têm direitos e os velhos deveres. Fiquei com vontade de procurar seus filhos, seus netos e pedir desculpas. A covardia me impediu de fazê-lo. Mas também o que ia adiantar.

O velho já tinha morrido mesmo e vai ver que a família nem se lembra mais.

Atualmente, moro numa esquina. Meu quintal está cheio de árvores, de frutas (manga, limão, laranja, acerola). Todas as manhãs e tardes ouço os sabiás, os bem-te-vis, os papacapins cantando na pitangueira pejada de frutinhas vermelhas.

Outro dia, minha mulher que é madrugadora, contou que entraram no quintal durante a noite e levaram as mangas mais bonitas, que já estavam em ponto de dente. Não respondi, nem reclamei, pois meu pensamento voava no tempo.

Acho que agora já sou o velho da esquina... mas, para São Paulo, não mudo de jeito nenhum.